

Setúbal Arqueológica

Vols. 11-12
1997

I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste

Homenagem a
Georgius Zbyszewski

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
(Assembleia Distrital de Setúbal)

Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina
(Instituto de Conservação da Natureza)

Reconhecidos a Georges Zbyszewski

(Palavras Proferidas na Sessão Inaugural do Encontro)

JOÃO LUÍS CARDOSO *

Foi com grande alegria, com uma ponta de apreensão também, que aceitei o honroso convite para pronunciar, hoje, estas palavras de homenagem ao Doutor Georges Zbyszewski.

Alegria, porque teria oportunidade de expressar publicamente o reconhecimento que todos devemos a este ilustre cientista. Apreensão, porque sentia o peso da responsabilidade, tal a prodigiosa obra realizada em diversos domínios por esta personalidade tão ímpar quanto irretirável.

Cumpre-me, em primeiro lugar, agradecer ao meu Amigo Carlos Tavares da Silva a oportunidade desta homenagem, promovida através do Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Tal como aconteceu comigo, com cerca de 10 anos de diferença, os seus primeiros passos, nos domínios da Arqueologia, deram-se nos Serviços Geológicos de Portugal. Do convívio com o nosso homenageado e com o Prof. Octávio da Veiga Ferreira — que daqui saúdo com um abraço de muita amizade e consideração — resultaram os nossos primeiros trabalhos científicos.

Naquela bela e grande casa, o Doutor Zbyszewski foi, nas últimas décadas, um verdadeiro Mestre, procurando desinteressadamente, mas de forma consequente, ajudar todos aqueles que dele se abeiravam — e muitos foram — sem olhar às qualificações académicas, idade, ou classe social. Muitos eram jovens liceais que, como eu, faltavam às aulas para irem conviver com o Mestre às 2^{as} feiras, receber separatas dos últimos trabalhos publicados, rever pela “n ésima” vez aquelas peças meticulosamente arrumadas em “vitrines” quase inacessíveis. Eram verdadeiros momentos de encantamento aqueles, em que, no seu gabinete, o rosto sempre iluminado por um sorriso, o Mestre discorria sobre indústrias paleolíticas, praias quaternárias, terraços fluviais, locais explorados e outros que mereciam

exploração, dando preciosas indicações para estudos que, depois, desenvolvi. Momentos únicos, indefiníveis, na vida de qualquer jovem fascinado pelo passado do Homem!

Datam também desses tempos as palestras que aos sábados proferia no Palácio da Rosa, complementadas por saídas de campo aos arredores de Lisboa, e que prolongavam a nossa convivência.

Mais tarde, fui seu aluno na Faculdade de Ciências de Lisboa onde, por serem poucas as pessoas interessadas na Disciplina de Opção da Licenciatura em Geologia que foi convidado a leccionar por proposta de M. Telles Antunes, em 1972, — Geologia do Quaternário — passou a reger, sucessivamente, Hidrogeologia, Estratigrafia e Geohistória e Cartografia Geológica e Fotogeologia Complementar (de que fui seu aluno, respectivamente, em 1977/78 e 1978/79).

Como professor de uma escola superior, o Doutor Zbyszewski adoptava, tradicionalmente, uma postura formal. Com as aulas cuidadosamente preparadas, dactilografadas página a página, poder-se-ia fazer, no final do curso, autêntico tratado de Estratigrafia!

Onde o seu fulgor mais se revelava era no campo. A saída semanal era sempre muito concorrida e nós sentíamos ter, naquele Professor, então um jovem à beira dos 70 anos, um companheiro mais velho, cúmplice nos momentos de descontração, mas rigoroso na análise dos trabalhos entregues para avaliação. A relação Professor-Aluno por ele estabelecida pareceu-me a ideal e é aquela que eu próprio procuro diariamente atingir. Os ensinamentos que me transmitiu, no campo científico, não ficam atrás do seu enorme exemplo moral, da sua probidade e dedicação à Ciência.

Depois do Curso, as nossas relações estreitaram-se ainda mais, encontrando-se consubstanciadas em cerca de uma dezena de publicações sobre materiais paleolíticos, especialmente da região do “Complexo Basáltico de Lisboa”, projecto de estudo que, presentemente, decorre a bom ritmo.

Georges Zbyszewski nasceu em Gatchina (Rússia) a 22 de Outubro de 1909, filho de uma senhora da

* Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Colaborador Permanente do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

Fig. 1 - 1978. Visita de estudo aos terraços de Alpiarça, no âmbito da disciplina Estratigrafia e Geohistória, do 3º ano da licenciatura em Geologia da Faculdade de Ciências de Lisboa.



aristocracia russa e de um oficial polaco, vitimado na 1ª Guerra Mundial. Obrigado a abandonar o seu País, em plena guerra civil, em clima de revoluções, de morte e de terror, conforme o próprio declarou um dia (Zbyszewski, 1984), aos 8 anos, a família instalou-se em Paris, onde fez o Liceu e a Faculdade, já atraído pela Geologia.

Em 1932, acabada a Licenciatura, foi convidado para Assistente do Prof. J. Bourcart nos trabalhos práticos, tendo nessa altura conhecido grandes mestres da Escola de Paris.

Um dia, respondendo a uma pergunta do Prof. Bourcart sobre o interesse que teria em iniciar o estudo do Quaternário da costa ocidental da Península Ibérica, responde: “Gostaria muito de estudar o quaternário português. Portugal é o país dos grandes navegadores e das grandes descobertas marítimas dos séculos passados, para as quais sempre mostrei interesse” (Zbyszewski, 1984).

Depois de uma rápida aprendizagem do Português fundamental, sobretudo a pronúncia, facilitada pelo convívio com outros portugueses que, entretanto, conhecera em Paris (Carlos Teixeira, Orlando Ribeiro, Leite Pinto e Vitorino Nemésio), parte para Portugal, em Agosto de 1935.

Já no nosso País, em companhia de A. de Medeiros-Gouvêa e J. Bourcart percorre o Algarve, prosseguindo depois, sozinho, em direcção a Lisboa, fazendo escala em Beja.

Em 1936 teve de cumprir o Serviço Militar em França, na região de Champagne, mas sempre com saudades do vinho verde que provaria em Portugal (Bourcart, outro grande apreciador do néctar minhoto, confidenciaria a

Carlos Teixeira que este deveria substituir, nas cerimónias oficiais, o “Champagne”).

De novo em Portugal, em 1937 e 1938 realiza duas campanhas de seis meses, primeiro no Algarve, depois no litoral do Baixo Alentejo, no vale do Sado e no Ribatejo, a pé e de bicicleta. Datam desse período os primeiros artigos, publicados em França, nos *Compte-Rendus* da Academia das Ciências de Paris, sobre a Geologia dessas regiões.

Nessa altura, a Geologia era quase desconhecida em Portugal; depois da época áurea, dos fundadores, esta ciência entrou em profundo declínio a partir do início deste século, não obstante os esforços desenvolvidos até à morte por P. Choffat. Carlos Teixeira diria que, então, se poderiam contar pelos dedos de uma mão aqueles que se dedicavam à Geologia, e ainda sobravam dedos! Não admira, pois, que G. Zbyszewski tenha sido quase de imediato convidado por um homem de visão, o Eng. António Vianna, director dos Serviços Geológicos de Portugal, para integrar os Quadros daquela Instituição, o que é concretizado em Janeiro de 1940. A partir dessa data, declara o nosso homenageado: “Começou uma vida nova com mais responsabilidades. Já não era suficiente cantar óperas no campo. Tornou-se necessário compor óperas novas” (Zbyszewski, 1984).

Os Serviços Geológicos não possuíam transportes próprios. Assim, utilizavam-se camionetas da carreira, que implicavam grandes percursos a pé, chegando-se a atingir os 45 km diários. Uma das provas de selecção para os colectores dos Serviços Geológicos consistia, justamente, em duro périplo, dirigido pelo nosso homenageado, visando aferir a resistência física (e psíquica...) dos



Fig. 2 - 1942. Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado no Porto. Fotografia de um grupo de congressistas; entre eles, Coteló Neiva, H. Breuil, O. Ribeiro e G. Zbyszewski.

candidatos. Data dessa altura a alcunha “Sátrapa do Sado” (em francês “Satrape sadique”...) posta pelos seus amigos pelo facto de ter então, como principal área de estudo, a bacia do Sado.

Em 1941 o Prof. H. Breuil vem a Portugal realizar uma série de conferências em Lisboa, Coimbra e Porto. Uma visita ao Museu dos Serviços Geológicos, seguida de uma outra, ao então Museu do Dr. Leite de Vasconcelos, decepcionaram-no. Os materiais conservados naquelas duas instituições, no que respeitava ao Paleolítico, eram pobres e em geral de mau recorte tipológico. Na altura, já Zbyszewski tinha descoberto as notáveis jazidas do Paleolítico inferior de Alpiarça. Uma visita à jazida da Quinta dos Patudos proporcionou a recolha, num só dia, de mais de 80 bifaces! Breuil ficou entusiasmado. Não desejando regressar a França, ocupada pelos Alemães, foi convidado pelo Prof. Manuel Heleno para reger um curso de Pré-História na Faculdade de Letras de Lisboa, então situada no rés-do-chão do velho edifício da Academia das Ciências. No 2º andar funcionavam, e ainda funcionam, os Serviços Geológicos de Portugal. A vida de Breuil passou a ficar repartida entre uma e outra instituição, e saídas de campo, com Zbyszewski, de camioneta ou, eventualmente, no carro (movido a gasogénio) posto à disposição pelo compatriota, industrial e entusiasta da Arqueologia, Maxime Vaultier. Desta forma se iniciou o período mais profícuo do estudo em Portugal da Geologia do Quaternário (a cargo de Zbyszewski) e das indústrias paleolíticas correlativas (sob a responsabilidade de Breuil). Definiu-se um programa ambicioso, mas metódico, para o estudo sistemático das praias quaternárias do litoral minhoto e estremenho,

prossequindo depois pelos terraços do vale do Tejo e, finalmente, pelas praias quaternárias do litoral baixo-alentejano e algarvio. A excepcional produtividade científica desta colaboração encontra-se demonstrada pelos numerosos artigos e livros publicados, alguns deles, já depois da partida de Breuil de Portugal, em 1942, após 17 meses de árduo trabalho diário, que de início se previa ser apenas de alguns dias. A forte personalidade de Breuil cativou Zbyszewski. Uma vez, pondo-se em dúvida a autenticidade de certa peça, aquele, batendo vigorosamente com a robusta bengala na mesa de triagem, exclama: “Je le jure!”... e a dúvida ficou por ali. A Breuil agradaria, sobretudo, a segurança transmitida pela alta qualidade do trabalho de Zbyszewski, e a total dádiva que, ontem como hoje, caracteriza a vivência diária do nosso homenageado.

A relação diária entre estes dois homens, de personalidades tão diferentes quanto complementares, marcou-os profundamente. Até à sua morte, em 1961, todos os anos Breuil vinha passar, quando podia, parte do Inverno a Portugal, revendo velhos amigos, revisitando estações, algumas delas já dele conhecidas desde 1917, altura da sua primeira visita a Portugal.

À noite, após o jantar, passeavam longamente pela Av. da Liberdade. As conversas não eram insensíveis ao momento que se vivia, com a França ocupada e as tropas alemãs nos Pirinéus. Nessas deambulações por uma Lisboa às escuras, mas poupada pela guerra, discorriam longamente sobre a liberdade, o papel dos cientistas e da Ciência nas sociedades modernas, as grandes teorias filosóficas e o aparecimento do Homem, o futuro do mundo civilizado (Zbyszewski, 1966). Esse aprofundamento da

relação afectiva era cimentado por episódios ou incidentes pitorescos, de que eram protagonistas, no decurso das suas saídas de campo. Uma vez, colhendo materiais paleolíticos num campo lavrado, foram surpreendidos por dois desconhecidos, que passavam de bicicleta. Estes, vendo duas pessoas de aspecto respeitável, guardando febrilmente objectos que retiravam da terra em grandes alforques que tinham ao ombro, trataram também de procurar por conta própria qualquer coisa. Depois, desconfiados por não verem nada de especial, perguntaram se era minério o que recolhiam, ficando completamente aturdidos quando viram que dos alforques saíam, apenas...pedras.

A última etapa da colaboração de Breuil com Zbyszewski consistiu no estudo das praias quaternárias entre Sines e Vila Nova de Milfontes onde, segundo Mesquita de Figueiredo, se encontravam picos asturienses idênticos aos do litoral minhoto. Como declarou G. Zbyszewski (1966), “Breuil estava deseioso de esclarecer este ponto. Assim, deslocámo-nos às jazidas que nos foram indicadas. As pesquisas permitiram localizar novas estações paleolíticas relacionadas com as praias de 15m e de 30m. Breuil atribuiu-as ao “Languedocense”. Diversos picos foram recolhidos, associados a machados de tipo especial ulteriormente descritos como “machados mirenses”.

Após a partida de Breuil não mais o Doutor Zbyszewski deixou de se interessar pelo estudo das indústrias paleolíticas, das quais, no que respeita ao Paleolítico inferior e médio tem sido, até ao presente, o principal e mais produtivo investigador. Cercando-se de um grupo de colaboradores, no que pode ser designada

“Escola dos Serviços Geológicos”, soube prosseguir, com brilho, aquela fase heróica dos estudos do Paleolítico. Já na década de 1980, confirmando resultados obtidos na década anterior foi demonstrada a ocupação do nosso território no Calabriano, ao longo do litoral ocidental, até ao Algarve. Foi sempre um espírito agudo, ajudado por um raciocínio vigoroso e original, eminentemente científico.

O Doutor Zbyszewski, ou mais simplesmente Zby, diminutivo desde cedo adoptado pelos seus amigos portugueses, com dificuldades em pronunciar tantas consoantes de uma só vez, é autor de uma prodigiosa obra científica, abarcando mais de 300 títulos, distribuídos por estudos de Arqueologia, Estratigrafia e Paleontologia (Mamíferos, Répteis, Peixes e Invertebrados), de terrenos mesozóicos e cenozóicos; tifenismo (tema que constituiu a sua dissertação de Doutoramento de Estado em Geologia, na Universidade de Paris, em 1959); geologia regional; formações eruptivas; hidrogeologia; geologia económica; cartografia geológica; trabalhos de divulgação; e trabalhos de índole histórica, sobretudo sobre o seu Mestre, H. Breuil.

Se olharmos para uma carta geológica de Portugal, ficamos espantados com a enorme contribuição prestada pelo Doutor Zby ao conhecimento geológico do nosso território. Quase todas as cartas geológicas, na escala de 1/50000 da Estremadura, Ribatejo, parte da Beira Litoral, todo o vale do Tejo, grande parte do Alto e do Baixo Alentejo até ao Algarve têm o seu nome, bem como as respectivas notícias explicativas; desta enorme produtividade advém a designação de “Brigada de Choque” para a sua equipa de trabalho; chefou as

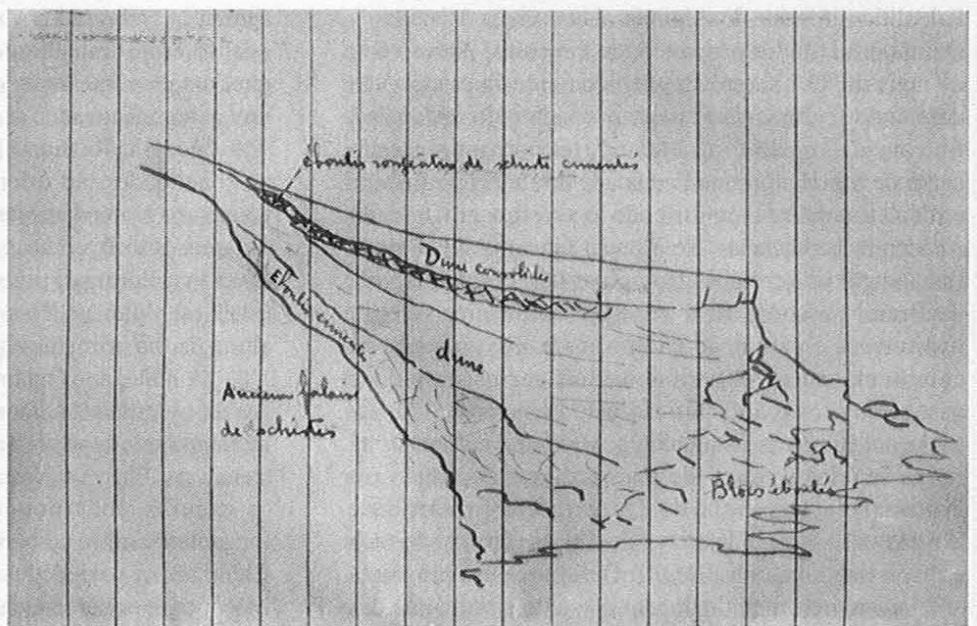


Fig. 3 - 1946. Página do caderno de campo, com o esboço do corte geológico da arriba do Monte da Quebrada, reproduzido no trabalho “Le Quaternaire de Carrapateira”, An. da Fac. Ciênc. Porto, Vol. 32, fasc. 3-4, pp. 234-242, 1948.

sucessivas missões geológicas aos Açores e à Madeira, que relembra sempre com saudade, e de que resultaram a cartografia completa dos dois arquipélagos, com excepção da ilha de Porto Santo, bem como a redacção das respectivas notícias explicativas, tendo presenciado a erupção dos Capelinhos, em 1959, no decurso da qual correrá o boato de que toda a missão geológica tinha desaparecido!

O Governo francês não esqueceu o prestígio que, para a França, advinha do labor deste seu súbdito, agraciando-o com o grau de Cavaleiro da Ordem das

Palmas Académicas em 1959 e, dez anos depois, com o grau de Cavaleiro da Ordem Nacional do Mérito de França.

Quando, por limite de idade, após 40 anos de trabalho estrénuo, foi obrigado a aposentar-se, o então Secretário de Estado das Indústrias Extractivas e Transformadoras, Eng^o Joaquim Ferreira do Amaral, exarou despacho de louvor. Cremos porém, que o Estado Português deve, de há muito, uma condecoração ao Doutor Zbyszewski, forma tradicional de exprimir, publicamente, o reconhecimento por serviços excepcionais. Essa era também a ideia do Prof. Carlos Teixeira,



Fig. 4 - 1946. Vista parcial do lado setentrional da praia do Fortim de Porto Covo (Pessegueiro), com blocos de duna consolidada tombados na arriba. Fotografia de G. Zbyszewski.



Fig. 5 - 1991. Vista aproximada do mesmo trecho da praia do Fortim de Porto Covo da Fig. 4, na actualidade. Fotografia de C. Tavares da Silva.

como me declarou, no longínquo Outono de 1979. É, pois, em nome de um grupo de amigos do Doutor Zby e em memória do daquele insigne geólogo, que aqui deixo a proposta, a ser incluída entre as conclusões deste Encontro.

Se preciso fosse avançar com justificações adicionais, bastaria a lista de publicações que, sozinho ou de colaboração dedicou à costa Sudoeste e áreas limítrofes, tema deste Encontro (Lista em Anexo):

- Sobre tectonismo - 1
- Sobre rochas ígneas - 1
- Sobre Geologia e Paleontologia do Miocénico - 3
- Sobre Geologia do Quaternário - 9
- Sobre Paleontologia do Quaternário - 1
- Sobre Paleolítico e Epipaleolítico - 11
- Sobre Neolítico e Calcolítico - 3
- Total - 29 publicações

Além dos títulos mencionados, devem referir-se as

Fig. 6 - 1946. Praia dos Aivados. A duna consolidada, formando consola, sobre a sequência, essencialmente arenítica, de idade plistocénica. Fotografia de G. Zbyszewski.



Fig. 7 - 1946. Níveis detriticos, com indústrias acheulenses a Sul de Vila Nova de Milfontes. Fotografia de G. Zbyszewski.



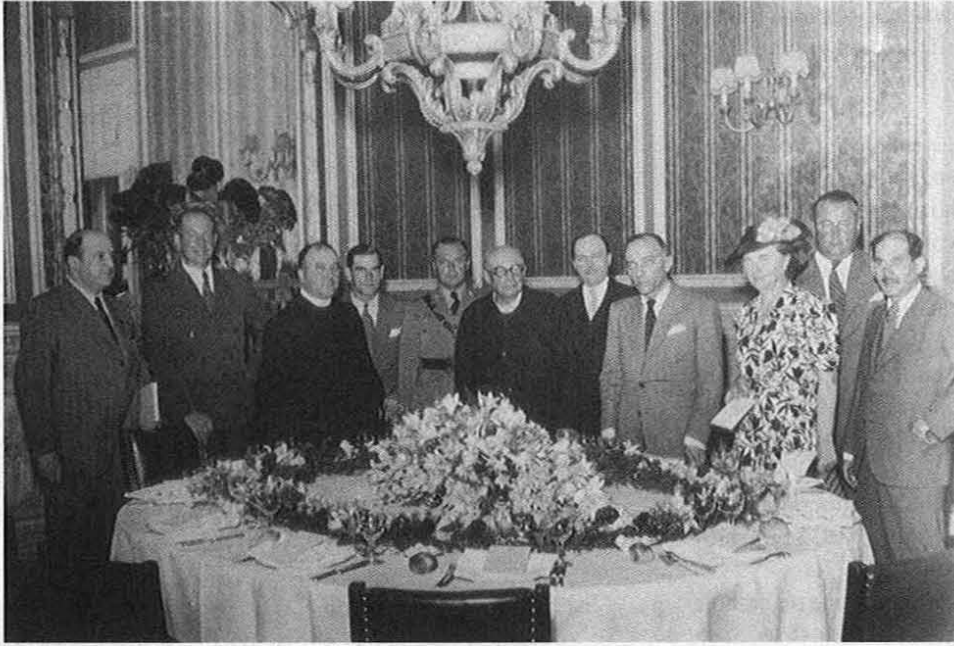


Fig. 8 - Almoço de despedida de H. Breuil, em 1942 no Hotel Avenida Palace. Da esquerda para a direita: H. de Miranda, G. Zbyszewski, E. Jalhay, Vilas-Boas, A. do Paço, Breuil, J. Olivier, Medeiros-Gouvêia, Miss. Boyle, M. Vaultier e Alves Costa.

colaborações na cartografia geológica na escala de 1/50000 — folhas de Vila do Bispo e de Santiago do Cacém e respectivas notícias explicativas — bem como na Carta Geológica de Portugal na escala de 1/200000, Folha 7, onde coordenou a cartografia referente ao Neogénico, tal como o capítulo respectivo da notícia explicativa.

Pode dizer-se, do Mestre hoje homenageado, o que Breuil declarou, um dia, de si próprio (in Zbyszewski, 1966): “O amor sem limites da verdade é uma disposição fundamental do espírito sem a qual nenhuma vida humana, tanto religiosa como científica, é digna desse nome. Tal foi o princípio de que jamais abdiquei, para permanecer um cristão convicto, servindo a Ciência com um entusiasmo que ainda me sustém”.

A terminar, agradecendo a V.Exas o estarem hoje aqui, fazendo votos para que, por muitos e muitos anos, o Doutor Zby continue a contar-nos as suas anedotas preferidas, na maioria ingénuas, escritas em misteriosos papelinhos que um dia constituirão “best-seller” mundial, proponho uma grande salva de palmas, à medida da sua dimensão humana, científica e moral!

Trabalhos de G. Zbyszewski relativos à Costa Sudoeste e áreas adjacentes

1937 - Gouveia A. M. & Zbyszewski G. - Nouvelles observations sur le Quaternaire du littoral du Portugal meridional entre Sagres et l'embouchure de la rivière de Odessa. *C. R. Séances Acad. Sc. de Paris*. T. 204, p. 1207-1209.

1937 - id. - Observations sur le littoral portugais

entre l'embouchure de la rivière d' Odessa et celle du rio Mira. *C. R. Séances Acad. Sc. de Paris*, T.204, p. 1435-1437.

1939 - Zbyszewski G. - Observations sur la morphologie et la structure du bas Alentejo et de l'Algarve. *Bull. des Études Portugaises*. Inst. Franç. du Portugal, fasc. 1, 20 p.

1940 - Zbyszewski G. - Contribution à l'étude du littoral quaternaire du Portugal. *Publ. Mus. Lab. Min. Geol. Fac. Ciências*. Porto. Vol. 15, 50 p.

1942 - Zbyszewski G. - Contribution à l'étude des terrains eruptifs du Caps Sines. *Com. Serv. Geol. Port.*, Vol. 22, 16 p.

1943 - Breuil H., Vaultier M. & Zbyszewski G. - Première prospection paléolithique en Algarve. *Com. 7^o Sec. Congr. Luso-Esp. Progr. Ciências*. Porto, 1942, Vol. 12, 17 p.

1943 - Breuil H., Ribeiro O. & Zbyszewski G. - Les plages quaternaires et les industries pré-historiques du littoral de l'Alentejo entre Sines et Vila Nova de Milfontes. *Congr. Luso-Esp. Progr. Ciências*. Porto, 1942, Vol. 8, 19 p.

1943 - Zbyszewski G. - La classification du Paleolithique ancien et la chronologie du Quaternaire au Portugal en 1942. *Bol. Soc. Geol. Portugal*, Vol. 1, fasc. 2-3, 112 p.

1945 - Formosinho J., Vaultier M. & Zbyszewski G. - Nouvelles découvertes paléolithiques en Algarve. *Trab. Soc. Port. Antrop. Etnol.* Porto, Vol. 10, fasc. 3, 13 p.

1946 - Zbyszewski G. - Note sur l'existence d'algues fossiles dans le Miocène d'Aljezur. *An. Fac. Ciênc. Porto*, Vol. 31, 5 p.

1946 - Breuil H. & Zbyszewski G. - Contribution à l'étude des industries paléolithiques des plages quaternaires de l'Alentejo littoral. *Com. Serv. Geol. Port.*, Vol. 27, p. 269-334.

1948 - Zbyszewski G. - Le Quaternaire de Carrapateira. *An. Fac. Ciênc. Porto*, Vol. 23, fasc. 3-4, p. 234-242.

1948 - id - Miocénico marinho da região de Bensafirim (Algarve). *Bol. Soc. Geol. Port.*, Vol. 7, fasc. 1-2, p. 55-65.

1949 - Viana A. & Zbyszewski G. - Contribuição para o estudo do Quaternário do Algarve. *Com. Serv. Geol. Port.*, Vol. 29, p. 197-250.

1950 - Zbyszewski G. & Berthois L. - Contribuição à l'étude lithologique des formations meubles de la partie Sud-Ouest du Portugal. *Com. Serv. Geol. Port.* Vol. 31, p. 5-297.

1950 - Zbyszewski G. - Les restes d'Hippopotame et de Cerfs d'Algoz. *Com. Serv. Geol. Port.* Vol. 31, p. 413-422.

1954 - Zbyszewski G. - Découverte d'une mandibule de *Palaeoziphius* dans le Miocène de Melides. *Com. Serv. Geol. Port.*, Vol. 35, p. 51-55.

1958 - Zbyszewski G. - Le Quaternaire du Portugal. *Bol. Soc. Geol. Port.*, Vol. 13, fasc. 1-2, p. 1-277.

1971 - Zbyszewski G.; Leitão M. & North C. T. - Uma oficina de preparação de machados mirenses no Languedocense de V. N. de Milfontes. *Com. Serv. Geol. Port.*, Vol. 55, p. 139-173.

1972 - Zbyszewski G.; Veiga Ferreira O. da; Leitão M. & North C. T. - Contribuição para o conhecimento das indústrias mirenses de Vila Nova de Milfontes. *O Arqueólogo Português*, Série III, Vol. 6, p. 103-118.

1974 - Zbyszewski G. & Veiga Ferreira O. da - O Paleolítico do litoral do Baixo Alentejo entre a foz do rio Mira e a foz da ribeira de Odesseixe. *Arqueologia e História*, Vol. 5, 15 p.

1974 - Veiga Ferreira O. da; Leitão M.; North C. T.; Reynolds de Sousa, H. & Zbyszewski G. - The megalithic tomb of Pedra Branca (Portugal). Preliminary Report. *Proc. Prehist. Soc.* Vol. 41, p. 167-178. Londres.

1975 - id - Le monument megalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Com. Serv. Geol. Port.*, Vol. 54, p. 107-192.

1977 - Zbyszewski, G. - Três ossos de vertebrados quaternários. *Com. Serv. Geol. Port.*, Vol. 61, p. 191-194.

1978 - Zbyszewski G.; Veiga Ferreira O. da & Penalva C. - Um acampamento languedocense com indústria mirenses a Sul de V. N. de Milfontes. A Pedra de D. Rodrigo. *Com. Serv. Geol. Port.*, Vol. 63, p. 437-448.

1979 - Veiga Ferreira O. da; Penalva C. & Zbyszewski G. - A "Pebble Culture" do litoral entre Laredo das Corchas e a Ponta Ruiva (Algarve). Nota preliminar. *Setúbal*

Arqueológica. Vol. V, p. 17-26.

1980 - Zbyszewski G. & Penalva C. - Estação de Medo Tojeiro (Baixo Alentejo). Contribuição para o estudo do "Languedocense" costeiro. *Com. Serv. Geol. Port.*, Vol. 65, p. 231-237.

1981 - Zbyszewski G. & Penalva C. - Nota prévia sobre a Pebble Culture da praia calabriana de Mirouço (Algarve). *Madriider Mitteilungen*. Vol. 22, p. 11-18.

1981 - Zbyszewski G.; Veiga Ferreira O. da; Leitão M.; North C. T. & Norton J. - Nouvelles donnés sur le Néolithique Ancien de la station à céramique cardiale de Sagres (Algarve). *Com. Serv. Geol. Port.*, Vol. 67, fasc. 2, p. 301-311.

1986 - Zbyszewski G. & Penalva C. - A estação mirenses de Foz dos Ouriços (Almograve, Baixo Alentejo). *Trab. de Arqueol. do Sul*. Serviço Regional de Arqueologia do Sul/Évora - IPPC, Vol. 1, p. 17-27.

Cartografia geológica

1979 - Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000. Notícia explicativa da folha 51-B (Vila do Bispo). Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 118 p. Em colaboração com R. Roche, M. M. Ramalho, G. Manupella e A. V. Pinto Coelho.

1984 - Carta Geológica de Portugal na escala de 1/200000. Notícia explicativa da folha 7. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 77 p. Em colaboração com A. S. Andrade *et alii*.

Bibliografia citada

RIBEIRO, O., 1984, Les recherches de Georges Zbyszewski sur l'apparition de l'Homme, à la lumière de la philosophie naturelle. *Vol. d'Hommage au géologue Georges Zbyszewski*, Éditions Recherche sur les Civilisations, Paris, p. 55-72.

TEIXEIRA, C., 1979, Georges Zbyszewski. O Homem e o Cientista, *Com. Serv. Geol. Port.*, Vol. 65, p. 3-27.

TEIXEIRA, C., 1984, Palavras do Professor Carlos Teixeira. *Vol. d'Hommage au géologue Georges Zbyszewski*, Éditions Recherche sur les Civilisations, Paris, p. 45-48.

ZBYSZEWSKI, G., 1961, L'Abbé H. Breuil et sa contribution à l'étude de la préhistoire portugaise, *Com. Serv. Geol. Port.*, Vol. 46, p. 41-51.

ZBYSZEWSKI, G., 1966, Adieu l'Abbé Breuil! *In Memoriam do Abade Henri Breuil*. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, Série III, Vol. 10, fasc. 2, p. 361-373.

ZBYSZEWSKI, G., 1984, Palavras do homenageado. *Vol. d'Hommage au géologue Georges Zbyszewski*. Éditions Recherche sur les Civilisations, Paris, p. 48-54.